

MARROCOS: ENTRE REPRESSÃO E BOICOTES

A sociedade marroquina está a passar por processos de transformação social de que a revolta no Rif e o boicote aos produtos *Danone* são dos exemplos mais visíveis. O regime autoritário está a ser posto em causa.

Em 13 de Junho os acusados no processo da “revolta do Rif” decidiram abandonar as sessões no tribunal de Casablanca como sinal de protesto pelo que consideraram ser um julgamento parcial, visando a sua condenação.

O Movimento Popular do Rif (o *Hirak al Shababi*) – uma região no norte de Marrocos - eclodiu em Outubro de 2016 após a morte de Mouhcine Fikri, um vendedor ambulante de peixe na cidade de Al-Hoceima a quem a polícia retirara a mercadoria e a lançou para dentro de um camião do lixo. Este acto levou o vendedor a lançar-se para dentro do camião sendo morto pelo mecanismo de trituração do lixo. Em Maio de 2017, face à continuação dos protestos que ameaçavam espalhar-se a outras regiões do país, o regime endureceu a sua resposta desencadeando uma vaga repressiva que conduziu à prisão e à abertura de processos a 772 activistas e manifestantes, dos quais 158 menores.

Na ocasião, os advogados de defesa denunciaram o comportamento do tribunal apontando-lhe a sua parcialidade favorável ao Gabinete do Procurador, expressa no indeferimento às solicitações da defesa para serem ouvidas outras testemunhas assim como para a audição de partes das gravações policiais realizadas antes das prisões dos acusados. Abdelkrim Musauí, um dos advogados de defesa, comunicou à imprensa que esta, em solidariedade com os seus constituintes que se expõem a duras penas «por atentar contra a segurança do Estado», tinha decidido guardar silêncio durante as sessões seguintes do julgamento.

No dia 28 o tribunal condenou Nasser Zefzafi, Nabil Ahemjik, Ouassim El Boustati e Samir Aghid a 20 anos de prisão. Houve, ainda, 3 penas de 15 anos e 6 de 10 anos. De entre as acusações, para além da «segurança do Estado», constavam as «tentativas de sabotagem, de assassinato e de pilhagem», «a recepção de fundos, donativos e outros meios materiais» com o fim de «atentar contra a unidade e a soberania do reino». Os condenados a 20 anos de cadeia entraram em greve da fome e anunciaram que não recorreriam das sentenças.

No dia seguinte, aquando de um debate no parlamento holandês, o MNE deste país, Stef Blok, pediu aos militantes «marroco-holandeses para prestarem atenção» quando entrassem em Marrocos. Na Holanda existe uma numerosa colónia originária do Rif que tem acompanhado com preocupação os acontecimentos naquele território e os métodos utilizados pelo regime para resolver a situação e o



Fig. 1: Confrontos e prisões no Rif (LEPARISIEN.FR)

ministro alertava-os para o modo como poderiam ser recebidos no regresso ao seu país, sendo conhecidos casos de quem tinha sido preso ao chegar à fronteira. Na sequência deste comentário parlamentar, a embaixadora deste país em Rabat foi chamada ao ministério dos negócios estrangeiros marroquino onde lhe foi manifestado o desagrado pela observação do MNE, considerada «uma ingerência nos assuntos internos de Marrocos» que punha em causa as relações entre os dois países.

Também a França reagiu às sentenças. «Estamos comprometidos com o respeito pelas liberdades cívicas», disse a porta-voz do ministério dos negócios estrangeiros que acrescentou: «Estamos igualmente atentos à situação económica e social no Rif onde cooperamos com as autoridades marroquinas, através da Agência francesa de desenvolvimento, para o benefício da população desta região».

Mas as principais reacções ocorreram em Marrocos. No próprio dia em que foram conhecidas as sentenças houve uma manifestação feminina em Al-Hoceima, dispersa à bastonada pela polícia. O mesmo aconteceu em Nador, onde várias pessoas ficaram feridas quando a multidão que se tinha reunido no centro da cidade, na Praça da Libertação, foi empurrada de lá para fora.

Entretanto, um curioso movimento está a ocorrer neste país, o boicote a três conhecidas marcas. Segundo conta o jornalista Antoine Fonteneau da TV5, os produtos lácteos da *Danone*, os combustíveis da *Afriquia* e as águas minerais da *Sidi Ali* estão a ser alvo de uma campanha de boicote por parte dos consumidores marroquinos em resposta a apelos «misteriosos» lançados via redes sociais. Segundo ele, «os alvos indirectos são os próximos do rei Mohamed VI».

Iniciada em finais de Abril a campanha atingiu resultados significativos, pois segundo a filial marroquina da *Danone* esta viu reduzir o seu volume de negócio em 50% ao longo destes dois meses, tendo os títulos bolsistas das outras duas empresas sofrido uma desvalorização. Segundo conta o jornalista, o ministro dos Assuntos Gerais tem sido pressionado para apresentar a demissão por ter tido «o azar» de participar numa manifestação contra o boicote.

Outras figuras relevantes do regime são referidas. Casos de Miriem Bensalah-Chaqroun, dirigente da *Sidi Ali*, ex-presidente da associação patronal marroquina e uma potencial ministeriável. E de Aziz Akhannouch, milionário proprietário da *Afriquia*, que faz parte do governo e que é apontado para dirigir a oposição aos islamistas nas próximas eleições.

Fonteneau pergunta: «ataque político ou simples cólera contra a carestia de vida?». E responde recorrendo ao comunicado da organização *Transparency Maroc* de 19 de Maio: «é todo o governo de uma economia minada pela renda, a corrupção e a interferência do poder, que é visado».